

CLIPPING 2º VIDEOBRASIL, 1984

2º Festival de Vídeo Brasil

Artistas deslumbrados com a máquina

MÁRION STRECKER GOMES
Crítico da "Folha"

Afora o vídeo-mercado e os estandes promocionais de diversas indústrias, que preenchem boa parte do espaço do MIS, entre os eventos paralelos ao 2º Festival de Vídeo Brasil armam-se outras máquinas rateadoras às quais se parece querer associar o nome de vídeo-arte.

O avanço tecnológico nada tem a ver com a arte até o momento em que esta resolve fazer uso dele. Ao se apropriar das invenções científicas, deveria o artista atentar para que sua obra não se faça sobre o deslumbramento da técnica. O que, infelizmente, acaba ocorrendo com frequência.

A vídeo-arte, é bom lembrar, foi inaugurada, segundo diversos historiadores, pelo alemão Wolf Vostell e pelo coreano Nam June Paik que, em 1963, distorceu as imagens de uma televisão com o uso de ímãs. Em 1965, já nos Estados Unidos, Paik adquiriu uma câmera e um gravador de VT e passou a produzir trabalhos específicos dentro da nova linguagem. E, depois deles, muitos viriam a se fascinar pelo vídeo.

No Brasil, o evento que marca, em

meados da década de 70, a generalização de uma afoita curiosidade pelo meio foi a participação norte-americana na 13ª Bienal de São Paulo, que ocupou seus 790 metros quadrados com realizações em VT. De lá para cá, a linguagem de algum modo se desenvolveu, tomando parte também de diversas outras Bienais. Mas o que de melhor possa se fazer em vídeo no País passou bem longe da idéia dos organizadores deste festival.

São produções alegóricas que fazem sua mostra paralela. Logo na entrada do MIS está a vídeo-instalação "Nossa Senhora!", de Tadeu Jungle e Walter Silveira. A senhora é Aparecida, coadjuvada por alguns pares de vela — todos transmitidos em um amontoado de oito monitores e três reproduzidos VHS (equipamento "doméstico"). No áudio um intermédio de música sacra e profana mais alguns discursos religiosos. E ainda o convite para que o transeunte participe da cena.

A obra parece representar um oratório mas, para seus autores, a instalação é um símbolo crítico do "maior oráculo contemporâneo", a TV. Estaríamos todos descobrindo o Brasil ao espinaftrar o poder e a penetração de um veículo de comunicação de massa? Se não, por que

então o sr. Jungle repete sua máxima na escultura "Retirantves", acrescentando televisores sobre a cabeça dos personagens de uma cerâmica popular do Nordeste?

E não é tudo. No primeiro andar do museu uma nova instalação: "Ciclos", de Gilson Alcântara e Rodrigo Martins Ferreira. Numa parede, pintada, a imagem de um quebra-douro. Segue-se no chão da sala uma camada de areia, repleta de bitucas de cigarro e sucata industrial. Para completar o cenário, quatro monitores em preto e branco ligados, porém, no próprio ratear da máquina: a tela coberta de chuviscos. Ouve-se uma montagem sonora das vinhetas de comercial das TVs Globo e Manchete, monótona, mas menos irritante que as originais — ao menos esta não interrompe nada.

O trabalho lembra o insólito encontro, no filme "Planeta dos Macacos", da estátua da Liberdade submersa nas areias da pós-humanidade. Só que aqui não há pergunta, mas apenas resposta: não é o meio a mensagem, mas novamente a "crítica" da malfadada TV comercial que, bem ou mal, acaba produzindo coisas melhores. Ou seja: o ratear, afinal, é de quem se atreve a pensar em vídeo-arte.



"Os Inconsequentes", de Lois Chilsson, prêmio especial

O vídeo veio para ficar

RUBENS EWALD FILHO

O sucesso do II Festival Fotófono-MIS de Vídeo Brasil, encerrado domingo, demonstra que o vídeo veio mesmo para ficar e passou a ocupar o lugar que antes pertencia ao Super-8. A comparação tem sua razão de ser. A maior parte dos realizadores de Super-8 passaram para o vídeo e alguns deles até chegaram a ser premiados este ano. Por outro lado, o amadorismo de muitos concorrentes, a falta de novas idéias ou propostas, tudo leva a concluir de que se mudou a forma, mas continua a mesma pobreza de conteúdo.

A própria organização do festival está consciente de que no próximo ano será preciso mudar. Não é possível que se dê um número tão grande de concorrentes (60 em 18 horas e meia de projeção) sem nível. Porque o vídeo é mais barato que a película, os vídeos são eternamente alongados, aborrecidos, repetitivos. Na verdade, é injusto e impossível comparar os sistemas U-Matic (profissionais) com o VHS caseiro. Este último dá um resultado sofrível, ainda mais deformado pelas lentes do MIS. Não é à toa que os oito primeiros colocados do festival foram feitos em U-Matic.

Como o melhor vídeo do festival, o júri optou por "Eletricidade", de Eletrooperários-Videoperas. Pode-se criticá-lo por ser basicamente um vídeo-clip, mas isso não elimina sua alta qualidade. Descrito como um "documentário sobre eletrificação através do universo musical de um computador", ele é vibrante, criativo, moderno, visualmente brilhante.

O segundo colocado representou uma outra opção. Se "Eletricidade" usa uma típica linguagem de vídeo, "Beijo Ardente-Operdose" seguiu outro caminho, utilizou a linguagem cinematográfica, é um "filme" feito em vídeo-filme. Realizado no Rio do Grande do Sul, por Fátima Moraes e Hélio Alvarez, é a história de um vampiro abandonado e tem uma produção extraordinária não apenas de recursos, mas principalmente de belas soluções. É verdade que com 60 minutos de duração, cai um pouco no meio, embora seja provavel-

mente o melhor vídeo de ficção já feito por independentes, comprovando mais uma vez a renascença cultural que está surgindo em Porto Alegre, no cinema e agora também no vídeo.

Mais por parte do júri a vontade de premiar uma reportagem, um fato jornalístico. Infelizmente não houve essa grande reportagem. "Lição do Alvarenga", de Abril Vídeo, ficou em terceiro lugar porque foi o mais apreciado. Mas é um problema concorrer vídeos já apresentados por emissoras comerciais, sem maiores cuidados com redação. Também jornalísticos foram o sexto colocado, "Ali Babá", do Olhar Eletrônico (que pergunta: "Com quem está o dinheiro do Brasil?"), e o oitavo, "Operação França", da Télé Cine Marulm (quem tem uma grande idéia: entreteer os travestis brasileiros em Paris).

O quarto colocado, "Ivald Granato In Performance", de Tadeu Jungle-Walter Siqueira e TVDO, tem o mérito de transportar em imagens o autêntico performance do artista. Mas também se repete demais. No quinto lugar, outra artista plástica: "Graffiti Efêmero", de Marina Aba, a partir de performance de Theo Werneck. Vinde do Super-8. Garis Porto ficou com o sétimo lugar por seu desenho "O Sono das Vitruvas" e seu ex-parceiro Leonardo Crescenti ficou em décimo com "Esqueci o que sinto" (em colaboração com Marquet Crescenti). Outro egresso do Super-8, Lois Chilsson, ganhou o prêmio Especial do Júri por "Os Inconsequentes" uma sátira política com bonecos de Malaf, Aureliano, Jânio. O prêmio é um estágio na TV-Maschete.

Mas o festival teve pouquíssimas ouvidias. Quase nada de zero, muito documentário sobre as diretas. O vídeo político mais divertido ficou com o nono lugar. Chama-se "Para que o Título?", de Ronaldo Marques e Luiz Silva. O duplo sentido do nome é perfeito. O título é o de eleitor.

Para os filmes de humor, cinco prêmios. O Troféu Bicho de Goiaba foi oferecido pelo Estúdio Sérgio Tostaldi para "Beijo Ardente", "Radar", "Os Inconsequentes", "Faia à Noção" e "Mundo Animal".



"Ivald Granato In Performance", o quarto colocado no festival

Um termômetro da produção de vídeo

A extensa programação do II Festival Fotóptica/MIS de Vídeo Brasil, que acontece no Museu da Imagem e do Som, pode ser um termômetro da atual produção nacional na área. Em sua segunda edição, agora ampliada, reúne 60 teipes que concorrem à mostra competitiva e 77 que estão fora de premiação, além de uma mostra internacional com vídeos alemães, franceses e norte-americanos, seis videoinstalações, performances, experiências de videopsicodrama, debates sobre legislação, mercado atual, televisão brasileira, torneio de videogame, oficinas e cursos, lançamento do primeiro guia de vídeo no Brasil e um trabalho especial, chamado Vídeo Mercado, para comercializar as produções independentes.

Para Ivan Isola, diretor do MIS, um dos objetivos do festival é se constituir em ponto de referência, não só distribuindo vídeos independentes como também transformando-os em memória. "Esperamos criar, a partir desse evento, uma estrutura permanente, que possa ser instrumento de divulgação." Thomas Farkas, que divide a responsabilidade do evento com Isola está muito animado com a intensa movimentação no MIS. "Parece uma festa. Os jovens trabalham com entusiasmo e se esforçam para entrar na televisão comercial, de forma independente. Afinal, eles não estão estabelecidos, sedimentados, vivem em busca de novos experimentos e isso tem contribuído de forma decisiva para tornar mais criativo o vídeo. A partir do festival do ano passado foi possível testar novas idéias e agora faremos, através de mesas-redondas e debates, um balanço do que aconteceu no espaço de um ano na área, além de levantar as dificuldades atuais que encontra o vídeo, não só do ponto de vista criativo como também do administrativo e econômico."

São quase 20 horas de programação entre realizações de amadores e profissionais, abordando os temas mais diversos. Serão escolhidos dez melhores por um júri composto por profissionais da área, jornalistas, crí-



Hoje, "Isósceles Amoroso"

ticos de cinema, diretores de TV e atores de televisão.

Assim como qualquer festival de cinema, acontecerá também uma mostra paralela destinada especificamente à comercialização de produções independentes, em duas salas especialmente reservadas. São 130 teipes sobre os mais diversos temas, produzidos dentro dos padrões de TV. De maneira geral, eles serão vistos por empresários, representantes de entidades culturais e de universidades, que poderão consultar a listagem e escolher os horários que lhes for melhor. Alguns dias antes do festival quatro empresas já entraram em contato com a direção do evento.

Entre as várias atividades, serão integradas algumas ligadas à arte, como a videoinstalação, cada vez mais utilizada nas artes plásticas. Para suprir a falta de informação especializada na área de vídeo, o Olhar Eletrônico lançará o "Guia do Vídeo no Brasil", com uma listagem completa de assistências técnicas, fabricantes e locadoras de equipamentos, prestadoras de serviço, associações de classe, distribuidoras, cur-

sos e escolas, mostras e festivais, publicações especializadas, emissoras de TV, espaços de exibição, fornecedores, etc. O guia trará ainda uma série de textos que aprofundam as questões básicas do vídeo, entre eles "História do Vídeo no Brasil", um amplo documentário.

Dois debates e uma mesa-redonda reunirão profissionais ligados à área. "A Legislação Atual e a Lei Futura — a questão dos novos canais", hoje, às 20 horas; "A Televisão Atual no Brasil — programação e espaço para a produção independente", sexta-feira, às 20 horas; e a discussão final, sábado, às 18 horas, com a mesa-redonda "Reserva de Mercado — o mercado de videoarte no Brasil".

As crianças também serão integradas ao festival. Para elas foram reservadas algumas câmaras, segundo os coordenadores, com a intenção de proporcionar atividades de lazer que desenvolvam a sua criatividade, tudo isso em forma de curso.

Em meio a dezenas de metros de vídeos estarão as videocriaturas de Otávio Donaschi, que cria com o videoteatro — "máscara eletrônica através de uma costura de vídeos sobre os atores, criando seres vídeo ou videocriaturas", como ele mesmo define. "Videoteatro não é um projeto atual, vem sendo desenvolvido há dois anos. Sinto nele uma possibilidade nova para o teatro. Uma linguagem híbrida, que permite o uso da linguagem vídeo inserida na interpretação do ator. Não é o vídeo como acessório cenográfico, mas como proposta de espetáculo e linguagem." O projeto de Donaschi conta com várias propostas, entre performances e espetáculos teatrais.

A programação de hoje, das 18 às 20 horas é a seguinte: "Pausa Paulista", de René Liviano; "Ivaldi Granato in Performance", de Tadeu Jungle; "O Sono das Vitrines", de Carolina Martines e Carlos Porto Júnior; e "Punk e Molotov", de João Carlos Rodrigues; "Isósceles Amoroso", de Isabel Silveira e Lucila Mérelles.

Festival de Vídeo-Brasil terá 110 concorrentes

JUNIA NOGUEIRA DE SÁ

De nossa equipe de reportagem

Antes mesmo de começar, o 2º Festival de Vídeo Brasil, promoção conjunta da *Fotóptica* e do MIS (Museu da Imagem e do Som), já é um sucesso. Ontem, dia de encerramento das inscrições, dezenas de fitas ainda estavam empilhadas na sala da avenida Rebouças, onde funciona a Galeria *Fotóptica*, atestando a receptividade dos produtores independentes a propostas como a deste Festival. Foram 110 inscrições, feitas em um mês e meio, e que chegaram até de fora do País: dois estudantes brasileiros do Institute of the Arts, na Califórnia, EUA, enviaram onze produções com efeitos (muito) especiais para o certame.

"Todas as nossas expectativas foram superadas", garantia a coordenadora Solange Oliveira, interrompendo o trabalho de separar e classificar fitas e sinopses para a Censura Federal. No ano passado, 75 produções foram enviadas ao Festival, e os organizadores achavam difícil que a marca fosse batida. "O melhor, entretanto, foi que conseguimos desviar o 'eixo' dos inscritos", acrescenta a animada Solange. Tem razão: se no primeiro Festival a

maioria dos participantes estavam sediados entre Rio e São Paulo, neste ano a coisa mudou. Só de Belo Horizonte, vieram 10 concorrentes, além de representantes solitários de Manaus, Porto Alegre, do Nordeste e do Interior paulista.

Agora, encerrada a fase de inscrições, o 2º Festival de Vídeo Brasil entra em sua reta final. Enquanto a Censura aprova as fitas, a *Fotóptica* começa a montar a que vai ser "uma grande mostra da produção independente, hoje, no Brasil", conta Solange. De todas as fitas enviadas para o concurso, cerca de 35 a 40 passarão pela pré-seleção e serão exibidas ao público na semana de 20 e 26 do próximo mês, data do Festival. As demais, e também as produções enviadas por independentes de todo o País, vão ser incluídas numa mostra paralela — já chamada de Vídeo Mercado. Serão duas salas (uma com equipamento U-Matic; outra com VHS), onde programadores, homens de televisão e membros de cineclubes poderão conhecer os trabalhos à venda. "Uma inovação, e que pode agitar muito o mercado", esclarece Solange.

Mas as novidades não terminam aí. Duas oficinas de vídeo, para a



Arrigo Barnabé estará no júri do Festival

prática até mesmo de quem nunca viu uma câmara, serão montadas pelos patrocinadores do Festival (empresas das áreas de informática e produção de equipamentos eletrônicos). E dirigidas por Sérgio Tostaldi, realizador de desenhos animados. Também estão programados três

debates — sobre a reserva de mercado, a legislação atual para o vídeo e os novos canais que (ainda) caberão no mercado brasileiro, com presenças ainda não confirmadas.

De concreto, até agora, a *Fotóptica* não tem sequer o orçamento do Festival. Mas tem os nomes dos integrantes do júri que vai escolher os melhores vídeos inscritos, gente como a atriz Bruna Lombardi, o músico Arrigo Barnabé, o publicitário Enio Mainardi, o secretário estadual da Cultura Jorge da Cunha Lima, os jornalistas João Clodomiro do Carmo e Inácio Araújo (ambos da "Folha") e o produtor independente Goulart de Andrade.

Eles estarão incumbidos da difícil tarefa de encontrar, entre os vídeos pré-selecionados, produções ao nível de "Abre a Jaula", de José Celso Martinez Corrêa, prêmio especial do Festival de 83, ou "Marilyn Normal", da Olhar Eletrônico, 1º colocado entre todos os inscritos. Neste ano, a Olhar Eletrônico, uma das produtoras mais ativas da praça, comparece com nove chances diferentes de arrebatar o prêmio, cedido pela *Fotóptica* e patrocinadores juntamente com a TV Manchete, que apóia e divulga o evento.

Festival quer abrir as portas do mercado para o vídeo independente

JOSÉ SCHIAVONI

Especial para o "Folha Informática"

Em seu segundo ano de realização o Festival de Vídeo Brasil, organizado pela Fotóptica, Museu da Imagem e do Som (MIS), e Secretaria do Estado da Cultura, entrou definitivamente para o calendário de eventos culturais do País. Os realizadores acreditavam que a mostra, que começa no dia 20 de agosto e prossegue até o dia 26, poderia receber o mesmo número de inscrições do ano passado (75), mas esse número praticamente dobrou. Foram inscritos 136 trabalhos, a maioria realizada na bitola U-Matic, o que demonstra o índice de profissionalização do vídeo brasileiro.

A própria comissão organizadora do festival reconhece que houve um avanço muito grande em relação à mostra organizada no ano passado, com a inclusão de várias atividades paralelas, como oficinas de vídeo, torneios de videogames e um evento que está despertando muito interesse nos produtores independentes, denominado Vídeo Mercado. Roberto Elisabestky e Cândido José Mendes de Almeida, responsáveis pelo Vídeo Mercado pretendem colocar os realizadores em contato direto com emissoras de TV, videoclubes, locadoras de videocassetes, e empresas interessadas em adquirir fitas brasileiras. Por ser uma realização independente do corpo do festival, as inscrições para o Vídeo Mercado permanecem abertas até o dia 30 de agosto e não existem restrições quanto à qualidade do material recebido. Os teipes que fazem parte do festival poderão ser inscritos normalmente no Vídeo Mercado. "Queremos", afirma Elisabestky, "estabelecer uma ponte entre quem produz e quem compra, sem entrar em considerações sobre o tipo de produção. O Vídeo Mercado é uma porta aberta, pensando em quem pretendia furar a televisão e acabou criando outros usos para o vídeo".

Videoclip e política

Ao contrário da última mostra, quando a maioria das produções vinha de São Paulo e do Rio de Janeiro, as inscrições este ano vieram de vários Estados brasileiros, e onze teipes do exterior. O gênero das produções também foi bastante am-



Em "Beijo Ardente", um vampiro contra a existência monótona

pliado. Videoclips de Caymi e do grupo Rumo, documentários regionalistas e uma série de fitas sobre as manifestações populares exigindo eleições diretas para presidente da República irão conviver harmoniosamente no MIS durante a realização do festival.

Na lista de trabalhos também aparecerão muitos nomes conhecidos da televisão comercial como as produtoras Olhar Eletrônico, TVDO, Videoverso e outras. "A flexibilidade do regulamento para este ano, que só restringe a participação de fitas telecinadas ou que já foram apresentados na mostra do ano passado, permitiu que muitos programas que já foram exibidos na televisão comercial fossem inscritos normalmente", explica Solange Oliveira, da organização do Festival.

Mas a mostra inclui também alguns vídeos experimentais como "Beijo Ardente-Overdose", uma história de um vampiro em busca de saídas para a sua monótona existência, realizado por Flávia Moraes e Hélio Alvarez, com o auxílio de um computador. A partir desta semana os teipes inscritos começaram a ser selecionados por um júri especial. Os organizadores acreditam que o número final de trabalhos que farão parte da mostra competitiva deverá chegar a 35 ou 40. Os demais teipes participarão de uma mostra paralela que ocorrerá durante o Festival.

No júri, 22 nomes já confirmados

Esta é a composição final do júri do 2º Festival de Vídeo Brasil.

Arrigo Barnabé, músico; Bruna Lombardi, atriz; Cândido Mendes, presidente da Associação Nacional dos Distribuidores de Videocassete; Enio Mainard, publicitário; Flávio Império, artista plástico; Hector Babenco, cineasta; Henrique Macedo, vice-presidente da Fotóptica, Inácio Araújo, crítico de TV da "Folha"; Josias Silveira, editor da revista Video News; Ivan Izola, diretor do MIS; Jorge Cunha Lima, secretário estadual da Cultura; Leon Cakof, crítico de cinema da "Folha"; Moracy de Oliveira, crítico do Jornal da Tarde; Marcelo Paiva, escritor; Nilton Travesso, diretor de TV, Rubens Ewald Filho, crítico de cinema e TV; Regina Duarte, atriz e produtora; Walter Georg Durst, roteirista; Goulart de Andrade, produtor e diretor de TV; João Clodomiro do Carmo, editor da "Folha Informática"; Juca Silveira, da TV Nacional de Brasília e Pedro Jack Kappier, da TV Manchete.

Começa a maratona dos vídeos

São 136 trabalhos de diversos estados que pretendem mostrar que a produção independente está melhorando a qualidade e já começa a pensar na maturidade comercial

JUNIA NOGUEIRA DE SA
De Assistente de Redação

A partir de hoje, e até o próximo domingo, toda a produção nacional de vídeo tem um espaço privilegiado para ser exibida, discutida — e, eventualmente, até mesmo comercializada. Com o Vídeo Teatro de Cláudio Donatoni, às 20 horas, no MIS — Museu de Imagens e do Som (av. Europa, 191), será inaugurado o 2º Festival Paulista de Vídeo Brasil, que reúne nada menos que 136 trabalhos inscritos, dos quais 40 participam da mostra competitiva. Ao total, corresponde ao mesmo período, um investimento de Cr\$ 20 milhões, que a Prefeitura divide com seis patrocinadores da área telecinematográfica.

Superando todas as expectativas dos organizadores, o 2º Festival compete eficaz e abertamente com o melhor de todo o Brasil. E até mesmo de fora do País: dois estudantes brasileiros que moram na Califórnia enviaram especialmente para a mostra uma série de vídeos produzidos no Institut of Arts. E o trabalho apontado como "favorito" por quem já teve oportunidade de assistir aos vídeos é o gaúcho "Beijo Ardente", realizado em condições muito especiais: sua qualidade técnica dificilmente será batida.

Mas o Festival não se resume apenas a uma competição de realizadores. De jorنالões de vídeo, de programas de televisão, de vídeos sobre a legislação que passa a TV brasileira, quem comparecer ao MIS neste dia terá muito o que ver e aprender. Especialmente as salas sobre cinema animado e produção de vídeos, demonstram a importância de serem mostradas num espaço adequado de vídeo-mercado, um setor do Festival destinado a estudos de patrocinadores, revistas e produtores. Que, pela primeira vez, reunidos num único espaço, terão oportunidade de mostrar suas produções para companhias como a Petrobrás, por exemplo, que já reservou um horário para ver os melhores vídeos "à venda". Toda a programação do 2º Festival Paulista de Vídeo Brasil poderá ser consultada nos terminais de computador, na entrada de acesso MIS. Os vídeos em exibição, "para evitar os tumultos do ano passado", estão Salgado, sendo mostrados paralelamente no telão do auditório e em mais cinco monitores: três são exclusivamente destinados para o Festival e dois, em salas de 1º andar do prédio. No domingo, os 14 melhores trabalhos escolhidos pela comissão julgadora — que inclui parlamentares, realizadores e jornalistas — serão premiados. O primeiro lugar dará a seu realizador uma câmera, um videocassete, R\$ 5 e o autor de um vídeo de cinema. E, como toque de humor de fim, os cinco vídeos mais engraçados receberão o Troféu Bicho de Golaba, oferecido pelo realizador de desenhos animados Sérgio Tascioli. O prêmio especial do jôgo, para um único realizador — que não será, necessariamente, o de primeiro colocado — também não deixa de ser negociado: um estágio na Rede Unibete de Televisão.

Ilustrada



Cena de "Esperet e que não"



"Beijo Ardente", gaúcho



"Estratagem", de Rodolfo Barbieri: sem palavras

Do quieto Maluf ao beijo ardente, um grande show

GABRIEL PIOLLI

Crônica de Vídeo

A festa promete ser boa e o show, variado. À sua vez, dos produtores independentes, desde o belo rito de família — Abri Válio — até as cenas sobre — Ogar Eletrônico, Televisão Marília, Videovideo, TVDO, Videovideo, Uva Uva, etc. — até ao paródia. Há também diversos realizadores locais, como Adina Nogueira, que inscreveu nada menos que dois trabalhos em vídeo-arte, os *Leônidas Crevelin*, um registro de cinema Super-8 que chega ao Vídeo Brasil sem crédito e reconhecimento. Há a produção experimental de produção cooperativa, de vídeo "Beijo Ardente (versão)", que reúne 130 artistas, artistas e professores gaúchos para um espetáculo trabalhado, sob a direção de Flávia Moraes e João Alvaro. E, claro, o vídeo de vídeo sobre "Árvore Jã", a bela produção local.

Mas há também surpreendentes auxílios, como o de todos os grandes estúdios comerciais de TV, que especialmente preferem não expor-se no selênio "vídeo", apesar de não haver suspensão de pagamento à sua participação. A televisão será representada apenas por dois trabalhos da TV Cultura — "Cinema Alberto Jansen" e "Sorriso no Quem Quiser Válgas" — este realizado em parceria pela independente Rita Moreira — e um da TV Centro América, de Mato Grosso ("Café das Águas", de Jô). Ainda no capítulo surpresa, registre-se a

presença do Sistema Seleção de Videocomunicação, dirigido de Minas Gerais com seis trabalhos de inspiração religiosa e também de caráter de curso de Jornalismo do PUC-SP, que entraram com seu vídeo e conseguiram classificação três, para a mostra competitiva.

Além, e sobretudo escrito de vídeo, com suas altas passagens ou cenas curtas, está em campo para mostrar seu poder de fogo. Muitos deles já foram exibidos anteriormente, inclusive na televisão, e, caso dos trabalhos de Ogar Eletrônico, Videovideo e Invi Válio, atrações do TV Gazeta. Mas sempre vale a pena rever em Evento Válio, o magnífico "Estratagem" de Rodolfo Barbieri no se registrou "perdido" do programa "Radar" — para não falar desta de nível e, certamente, superior e de elevado nível técnico: "Beijo Ardente", de Sérgio Tascioli, com uma equipe de dez pessoas, vai ocupar cinco monitores e oficinas de vídeo, para adultos e crianças. Também vai demonstrar as possibilidades de animação em vídeo, por computador.

Os próximos serão muito interessantes. O psicólogo Carlos Serbe e Rogério Moreira, com a paqueta Rosário Paquinha de Onda, apresentarão sua obra que se "Videograma sem Palavras", um "Videograma sem voz de vídeo e a voz de cinema Rita Maria, que participou do vídeo de experiência. Já o artista Cláudio Donatoni — vencedor do festival anterior pelo seu "Tudo Tudo", onde um indivíduo toma o lugar do pássaro de aço e as imagens se fundem a

movimento de corpo — promete importantes "videocuriosos", para a abertura e a coronada de premiação do Vídeo Brasil. Mostrará ainda, ao longo do MIS, diversas "vídeo-instalações", projetos artísticos apresentados com propósito de suas rotinas para a exposição.

Nada disso, entretanto, terá tanta importância para os realizadores de vídeo quanto a parte "político-econômica" do Vídeo Brasil. Para eles, o interesse prioritário está em sua mostra, paralela, que também ocorrerá no MIS desde dia, mas apenas para um público restrito: é o "Vídeo Mercado", onde produtores e possíveis clientes poderão experimentar e fechar negócios, a exemplo do que já ocorre em outras feiras de cinema. Há de produzir Fernando Moreira, coordenado pela Patrícia e pelo MIS, a mostra terá 18 lojas, que poderão ser adquiridas para a compra dos melhores vídeos produzidos, estúdios de vídeo, locutores, monitores, instalações culturais.

O Vídeo Mercado fortalece o festival, dá a ele uma seriedade e uma objetividade maior, permite Salgado de Oliveira, de comissão organizadora. "Já se sabe pouco se produtores sentiram a necessidade de aproximar mais o festival do mercado de vídeo". De fato, a preocupação dos realizadores com essa mostra foi intensa. Se a Ogar Eletrônica, por exemplo, inscreveu mais de sessenta trabalhos, com a

intuito intenção de não retirar do Vídeo Brasil nenhuma (o que é possível), mas sem seguir na mão.

Outro sinal evidente da objetividade dos produtores está no formato de mesa-redonda e dos dois debates previstos, que examinarão o mercado de vídeo no Brasil, tanto se curando de videocassete e locutores, como se próprio mercado. Os realizadores vão poder discutir seus problemas diretamente com o alto comando dessas setores, do Rio de Janeiro (Cláudio de Menezes Sobrinho da TV Gazeta, do Renato Spolcy de Gledis de cinema "Basta vídeo", Cássio, Mônica das Comunicações, Embaixada, Globovisão, Abri Válio) e alguns das entidades representadas nos discussões, que terão — se não houver deflexões — certamente o mais completo caso de vídeo de TV e vídeo jamais reunido.

"Vocaramos entrar, mas uma vez, como a democracia e a inteligência podem chegar à mão", resume João Negro Lima, diretor do MIS. Para ele, que já conseguiu fazer do Vídeo Brasil uma atividade permanente do Museu, o importante é que a defesa dos interesses comuns dos produtores seja acima de disputa e que esta reunião anual resulte em propostas e ações concretas, como a luta pela ampliação dos cursos de TV e o controle democrático das comunicações no País. Se for assim, será perfeito. Na pior das hipóteses, a cidade terá vivido mais um dia, e o desaparecimento festival.

Video 45

2º Festival de Video Brasil

FESTIVAL DE VIDEO BRASIL
 Realização de Museu de Arte e do ICAE e da Fundação. Leitura de 45 vídeos selecionados previamente, além de uma série de eventos paralelos: debates, performances, palestras em vídeo, etc.

Das 18h às 20h, exibição de "Uma noite azul" de Nelson Neves e Gil de Almeida; "Tudo 17", produção de Vitoriano; "Tudo Coração", produção de Renato Sales; "O Condição", produção de José Carlos; "Substância do Nada", de José Carlos e Dora Soares; "Tudo Amor", de Vítor Faria; "O Samba de Santa", de Roberto Alcântara; "Folha", produção de Camargo; "Cinco de Fevereiro", de Pedro Cabrita; "Mundo de Imagem", de José Carlos; "Europa 1983", de Roberto Soares.

INICIATIVO - Curso de vídeo. Vídeo gravado em 1983 no Departamento de Arte, Faculdade de Artes Visuais, com Luciano Pavarotti, Jack Kautsky, Christiane Eklund, etc. Edição: 10 D. 12 de Maio 200, tel. 351-6666; preço: R\$ 2.000,00; impresso: 04 x 600.



"Beijo Ardente", de F. Moraes e H. Alvarez: situação de estúdio



As "videocrisaturas" de Otávio Donascio: monitor de TV na cabeça e em efeito impressionante

Muita festa na platéia e amadorismo na tela

GABRIEL PRIOLLI
Crítico de "Folha"

Visíveis a cena: televisores, câmeras e videocassetes, às vezes e às vezes de novo, espalhados virtualmente por todos os cantos das salas, corredores e saguões. Em torno deles e não necessariamente intermedias nas imagens, ordens de galinhas e galões, no rigor de mais profusão visual, amarelo e "tudo um só". Aqui, e ali, alguma celebridade, vagada de perto por câmeras curiosas. E no auditório, é claro, projeção de vídeos em dois telões.

Foi assim, a noite de abertura do 2º Festival Fotográfico MIS de Vídeo Brasil, na última segunda-feira. Excitantamente como previa a comissão organizadora, o Museu da Imagem e do Som foi tomado por uma multidão de jovens e o auditório ficou pequeno para o entusiasmo desmedido público do vídeo. Mas, por azar, funcionaram mal os diversos monitores instalados no sala de estar do térreo e no saguão do primeiro andar, que permitiram aos retardatários assistir à exibição dos 12 vídeos selecionados para o primeiro dia. Muita gente que foi ao MIS sala de lá sem ver nenhum dos trabalhos em concurso.

Mas ninguém se queixou muito, não. Afinal, do lado de fora do auditório, a festa estava tão animada como aquelas lançamentos de livro de Geração Beat no Radar Tântali e com videogames adicionais: nada de burocracia de guardadores de automóvel. Ao contrário, tudo estava muito agradável e bem organizado,

como, por exemplo, o estande que a Olfar Eletrônica montou para vender o seu recém-editado "Guia de Vídeo do Brasil" e que tinha uma bela equipe de demonstradoras, exatamente como mandaria e figurino de preocupação da Rede Globo. Ou então, a sala de videogames do 1º andar, onde muita gente tomou ao pé da letra o espírito competitivo dos festivais e passou horas travando batalhas eletrônicas.

Outra parte do público divertiu-se no cinema rápido e na oficina de vídeo do produtor Sérgio Tostali, instalada com equipe e equipamentos no 2º andar, onde também ficava a intrigante vídeo-instalação "Ciclos", de Gilson Alcântara e Rodrigo Martins Ferveira: monitores de vídeo espalhados junto a pedações de lataria de auto-serviço, com chuveiros na tela e a repetição constante do "blá-blá-blá" da Globo e da vizinha, ainda mais infernal, de intervalo comercial da Manchete. Terceira parte da guarda do MIS, se ficaram expostos até domingo a esses sons.

Mas, em matéria de instalações, foi mesmo uma falha "Nossa Senhora" de Tadeu Junglé e Walter Silveira (da TVDO), que roubou a cena: logo na entrada, monitores suspensos formaram um altar, com a imagem de Nossa Senhora Aparecida surgindo na tela e velas acesas queimando ao vivo e a cores. Tadeu também não perdeu a oportunidade e ofereceu para o público do MIS a sua querela judicial com a TV Cultura, pela posse do programa "Acesso", passando depois um abito-animado de auto-apoiado, encampado pelo auditório.

Outro que fez também o seu número, e bem feito, foi Otávio Donascio desfilando suas "videocrisaturas" (ele põe fantasias e monta um monitor de TV sobre a cabeça, conseguindo um efeito impressionante).

De vídeo mesmo, no meio disso tudo, pouco se viu e pouco se falou. A turma de auditório saiu de lá não muito entusiasmada e ficando pelo restante dos programas. A impressão geral era de que não houve evolução das produções, desde o ano passado — o que é até compreensível, se lembrarmos que nos países da turma de vídeo passou o ano fazendo coisas para a TV, sem mergulhar em pesquisas ou projetos mais arrojados. Ainda assim, há um clima longamente mais amadorístico nas produções deste ano, apesar da preocupação com o apuro técnico. Temas, roteiros, ideias, mas não é mesmo o forte neste festival.

Esta foi, igualmente, a impressão de Jiri, refugiado em uma sala exclusiva para assistir aos tapes em paz. Márcio Paiva saiu desanimado, Arrigo Barnabé não mostrou o menor entusiasmo e a "massa crítica avançada" desta "Folha" — Leão Cabral, Inácio Arráiz, João Cláudio do Carmo — também não gostou. Mas ainda há muitas filas pela frente e incontáveis eventos (psicodrama, debates, performances) para animar os próximos dias. No mínimo, tivemos mais shows do grupo anarquista da Escola de Comunicações e Artes da USP, que ainda está naquela de gritar palavras para o público "burguês". Deve ser uma homenagem à TV em branco e preto...



"Vital Grenada in Performance", de Tadeu Junglé e Walter Silveira

Baixo nível, a tônica do 2º Festival de Vídeo

Produções comerciais crescem a todo vapor

NAUÍCIO BONAS
 Autor de "Vozes Informáticas"

JOSÉ SCHIAVONI
 Especialista em "Vozes Informáticas"

"Esta terra de cego quem tem um olho é rei". A conhecida máxima usada com muita frequência para descrever o marasmo político e cultural do País, encontra-se perfeitamente dentro da mostra competitiva do 2º Festival de Vídeo Brasil, organizado pela rede de lojas Fotopica e Museu da Imagem e do Som, com o apoio da Secretaria Estadual da Cultura, que está acontecendo desde o dia 26, e prosseguir até o dia 31, na sede do MIS, à avenida Europa, 138.

O nível das produções está abaixo do que se espera dessa nova tecnologia: tapas após e tomadas apertadas, como o próprio vídeo em si. Ao contrário, esse Festival tem gosto de televisão comercial, não se pelo excesso número de reportagens já veiculadas na TV, selecionadas para a fase competitiva da mostra mas pelo nível por categorias, equipamentos cênicos e previsíveis. Enquanto o MIS vive seus dias de Gramado, chamando a atenção de realizadores do Norte ao Sul, evidência-se o amadorismo com o qual o vídeo independente está marcando o seu nascimento no Brasil.

Por isso, nenhuma produção pode assumir a concepção de ganhar um prêmio, até o momento da divulgação dos prêmios. O mais regular é "Beijo antes-avendo", o roteiro de um vanguardista decênio que tenta acabar com a sua existência monótona, que será exibido no sábado. Dirigido pelos gaúchos Flávia Moraes e João Álvaro, com 40 minutos de duração, o tape teve sua trajetória curiosa em termos de produção independente. Foi feito em sistema de cooperativa pela a produtora Vídeo Populo, que contou com atores e equipe técnica, e pela emissora Rede Brasil SUL (RBS), que forneceu todo o equipamento para a gravação e edição do trabalho.

Flávia Moraes, dona da ideia, explica como a "Beijo Antes-avendo" pode ser realizado. "A gente jamais teria dinheiro para bancar essa produção e, por outro lado, nenhuma em prêmio de Porto Alegre poderia custear o cachê de 100 pessoas entre atores e técnicos. Assim, fizemos uma proposta sem lucro financeiro direto para qualquer das partes envolvidas. Utilizaríamos a produção para fins exclusivamente culturais, enquanto a RBS poderia divulgá-la para demonstrar a qualidade de suas equipamentos".

Sua mesa de gravações e 200 horas de edição no sistema de pós produção Sony EVE 3000, de uma polígona (matriz) cujo aluguel gira em torno de Cr\$ 400 mil, por hora de trabalho, não impediram, entretanto, que a produção dos gaúchos contasse alguns êxitos. Mas a grande diferença entre os demais tapes do festival poderá influenciar o júri.

Outros trabalhos poderão brincar a grande prêmio do festival. As maiores possibilidades estão com o videoclip "Eletrostática" (a ser exibido no sábado) e com o vanguardista documental sobre o comício de 25 de janeiro, "Diretas na 56", de apenas oito minutos de duração, que poderá só tornar uma opção política do júri.

Com clássicos remotos aparecem "Esperid e que silên" de Margot e Leonardo Crescenti, um colecionador de prêmios em festivais nacionais e internacionais de Super 8, que fez esse filme em apenas três semanas, na bíblia VHS e o documentário musical "Pink Meibster" (exibido ontem), do carioca João Carlos Rodrigues, que estava inscrito na 1ª Mostra de Vídeo, também organizado pela "Vozes Informáticas", impedida pela Censura Federal. Como nebras poderia surgir nas primeiras colocações "Os Incessantes", também será exibido no sábado, uma crítica a situação social do país, feita através de bonecos; e "O silêncio-Matãe Isidra", onde o candidato indulto fica calado diante da pergunta de uma repórter da Abril Vídeo.

A grande novidade dessa Festival é a mostra de Vídeo Mercado, que está sendo feita diariamente, das 14 às 20 horas, em duas salas do MIS. Cândido José Mendes de Almeida, presidente da Associação Brasileira de Distribuidores de Vídeo, e Roberto Elizabeth, ex produtora Videomagem, estão organizando esta mostra de vídeos de trabalhos realizados por suas produtoras independentes



do país para representantes de emissoras e outras empresas que queiram exibir videocassetes em locais fechados. Nas últimas semanas o Vídeo Mercado passou a interessar principalmente aos proprietários de videocôpias e locadoras que, brevemente, serão obrigados a manter um acervo de 20% de

títulos nacionais nas prateleiras de suas lojas. O debate sobre "A televisão atou no Brasil", que será realizado amanhã, às 20 horas, e a sua realização sobre o mercado de vídeo no País, marcada para às 18 horas do sábado, servirá, também, para integrar a produção independent

com os demais setores de mercado de tapes. Em pelo menos um desses debates, representantes das independentes irão propor a criação de uma Associação Nacional dos Produtores, com a proposta de lutar por um espaço maior nas TVs educativas e nas emissoras comerciais.

Se a imaginação dos videomakers não consegue escapar de vídeo existencial no maior parte dos vídeos apresentados no MIS, os negócios vão muito bem. Em termos de dois anos o número de produtores independentes observou um explosivo crescimento de 100%. Sediadas quase que exclusivamente em São Paulo e Rio de Janeiro, as empresas se especializam em três verticais para o MIS. Noventa e cinco, predominantemente, seguem Estados como Amagoras e Pará foram poupadas. A Uva também se iniciou para dois aglomerados de publicidade, que já se dobraram nos dois primeiros meses do vídeo — baixo custo e versatilidade — e são, nas produções em VT, mais de 90% das comercializações veiculadas no interior. E, depois da investida da Philips, que mandou ao ar um bom catálogo vídeo de 30 minutos recheado de "merchandising", a tendência parece pronta a cristalizar-se.

Níveis por uma recente percepção das potencialidades da nova mídia, um grupo de estudantes de Arquitetura na Universidade de São Paulo formou, já em 200, o embrião de que seria, a partir de si, a Ollar Eletrônica Produções Ltda, mais conhecida como berço do recente "repórter" Renato Variz, uma espécie de Clark Kent junkie, pronta a decolar a qualquer momento.

"Entramos pelas portas dos fundos do vídeo", diz Dário Viro, um dos fundadores da empresa, "através de um curta metragem, como objetivo, porém, sempre foi a televisão". E a saída de estrada — uma casa quitante da "sacrossa competência dos produtores de filmes publicitários com a tela-lua dos microscópios dos cineastas tradicionais" — parece ter dado resultados no mínimo satisfatórios. A empresa contabiliza mais de 100 produções, de curta e longa duração, com um contrato com a Abril Vídeo que já rendeu cerca de 120 matérias editadas e um sucesso não inteiramente deficiente de filmes publicitários, e participa de um amplo projeto de instalação de circuitos fechados de TV nos maiores aeroportos do País — a Aerovisão. O novo empreendimento, avaliado pelo Infocine, prevê a produção de documentários, filmes de curta duração e oficinas em vídeo, atingindo um público abrangente sob o rótulo de filmes de forma impressíveis na televisão.

Quando o personagem Zeca Diabo, que Lima Duarte transformou de secundário em principal na novela de Dias Gomes, Dário Viro condena a fúria de "trabalho da produtora". Nunca se limitou ao que tentam fazer os heróis envolvidos na empresa. Paulo Morelli, outro dos fundadores, rotula da área administrativa, cultural e comercial, além de exercer com igual destreza na produção de filmes e empresas, seria produzida uma videoteca. Mas o vídeo — identidade própria de Variz — não só produz as episódios em que trabalha na Abril Vídeo como mantém controle da divulgação. "A intenção", diz Viro, "é de que todos possam desempenhar qualquer função na produtora, independente das áreas sob responsabilidade de participar".

Essa nota, porém, encontra em alguns problemas, como o dos salários. Todos circulam em torno de Cr\$ 600 mil a Cr\$ 800 mil, ao que é acrescentado um percentual variável mensal, resultado de uma negociação fechada por essas características. Não obstante, as perspectivas para o bom funcionamento da produtora, são encorajadas pela integração de Ollar como sócio específico

para que empresários investidos no setor. Além da cotização dos bens, outra razão para que experientes investidores não chamem muita atenção de investidores são as altas taxas de reinvestimento, cuja forma aparente de garantia capitalização.

Outra subproduto importante da expansão administrativa da empresa é a disseminação das atividades criativas. Nos dias 13 jovens envolvidos com a Ollar — a idade média é de 25 anos — está livre de ter uma câmera na mão ou um roteiro para preparar. Há um período, assinado Dário Viro, que os produtores selecionados "trabalham como membros registrados dentro do projeto e não qualificados".

Algumas dessas características repetem-se na TVDO Associação e Comunicação Ltda, que também veio à luz nos corredores da USP, mas em outro departamento — dessa vez, na Escola de Comunicação e Artes. "É a única produtora independente em que todos envolvidos em atividades criativas. Walter Silveira, que forma a micro-empresa ao lado de Ney Marcondes, Pedro Vieira e Tadeu Jungue, ex-empresário da recém falida "Fábrica do Som" (TV Cultura).

Preocupado em não caracterizar o empreendimento unicamente como produtores, Jungue cultiva a ideia de que "a TVDO é uma filosofia para se fazer televisão". Com um "partido" de 20 vídeos divididos entre instituições, comerciais e programas —, se integrantes do grupo encontraram um caminho alternativo para combater os altos custos dos equipamentos para produção em vídeo: o aluguel não só de câmeras como de material de iluminação, mesa de áudio, refletores e luzes de edição. "Assim não ficamos presos em pagar aluguel e podemos nos aventurar em projetos de longa duração mesmo longe da base de operações, que ainda é São Paulo", considera Jungue. Mas há outro detalhe importante: não é necessário investir em modernização da aparelhagem, que tem vida tecnológica relativamente curta.

O processo de funcionamento da TVDO (tên "levi não") é quase atenuado. Todos criam juntos, como explica Silveira, mas cada projeto é avaliado individualmente. "Ney Marcondes, por exemplo, está produzindo o seriado de programa "Além da Realidade", em que são discutidos UFPA e reconstrução, mas a elaboração foi coletiva. Com isso ganha-se agilidade e a ideia para manter a ideia original da empresa — ser uma sede de produtores-talento.

Em pelo menos um ponto os vídeos da TVDO são solidários a Ollar Eletrônica: ninguém está disposto, em curto prazo, a retomar experiências com cinema. Dário Viro diz ter "pessoais lembranças" de experiências com cineastas, que são desistidas, não têm vídeo e nem são divulgadas. Basta trocar cartas marcadas. Walter Silveira, por sua vez, considera o cinema "uma instituição que funciona dentro de padrões de rigidez desconhecidos que é inviabilizam". Ainda assim, ele reconhece "algum tipo de estrutura financeira necessária para a produção de vídeo". A base é aceita por Tadeu Jungue, que considera a estrutura de rede nacional de televisão educadora perfeita: "A Rádio e Televisão Cultura de São Paulo tem o melhor equipamento de vídeo do Estado, mas posteriormente é de uma produção de qualidade, basta deslocar a aparelhagem para produzir vídeos independentes, dos 11 às 4 horas da manhã, para iniciar uma pequena revolução no vídeo", aponta Jungue.

A indigente nudez dos novos guerreiros do som e da imagem

JOÃO CLODOMIRO DO CÁRIO
 Autor de "Vozes Informáticas"

Desenvolvimento. Não é outra a sensação de quem está assistindo à produção selecionadas para o 2º Festival de Vídeo Brasil. Das 20 produções, poucas dispõem de um mínimo rigor técnico, independentemente quando se trata de aparelhos, mas a maioria não consegue trazer uma contribuição ao desenvolvimento do vídeo no Brasil. Isso se faz sentir na criatividade. Até então a situação é dramática. Nenhuma proposta inovadora, poucas motivações suas usadas com a câmera, apenas uma ou outra fita digna desse nome. Documentários, entrevistas, comentários e vídeos de repetição ad nauseam.

E o mais lamentável é que isso acontece um ano após a realização do primeiro Festival, quando pelo menos duas propostas inovadoras poderiam ser discutidas e que, se fossem exploradas, poderiam trazer uma contribuição ao desenvolvimento do vídeo no Brasil.

Em termos de produção independente, a situação é dramática. Nenhuma proposta inovadora, poucas motivações suas usadas com a câmera, apenas uma ou outra fita digna desse nome. Documentários, entrevistas, comentários e vídeos de repetição ad nauseam.

E o mais lamentável é que isso acontece um ano após a realização do primeiro Festival, quando pelo menos duas propostas inovadoras poderiam ser discutidas e que, se fossem exploradas, poderiam trazer uma contribuição ao desenvolvimento do vídeo no Brasil.

Em 1.000 réplias, circulando como a TV, mas indolente à reflexão não menos locutor.

Dé Celso, uma linha completamente diversa, apresentava a outra (das mesmas importantes) face do vídeo: a possibilidade de ação imediata, da integração de tecnologia ao movimento da vida. Não importa que 24 Celso seja repetitivo, não importa que o conteúdo de suas produções gira sempre em torno do seu cotidiano. A grande preocupação proposta: o vídeo em ação, reprodução da realidade viva.

Os videomakers lidam nas mãos das ideias: uma rede de câmeras e câmbios virtuais de técnica, aparafusada, fundamentalmente aplicada ao edição; outra, com uma proposta pouco conhecida, chamada de atenção para as possibilidades de interação de tecnologia com o movimento.

Os videomakers brasileiros não aprenderam com uma boa outra lição. Iniciaram um equívoco (polêmico) e a maioria dos vídeos produzidos no Brasil e Ollar Eletrônica parece que deviam de sua própria trilha, incrementando no Festival nada mais que localidade.

A tecnologia perdona a criatividade. Porém, os vídeos produzidos, desconhecendo os caminhos de Walter e Celso, e a negligência de criação não condizem com o espírito do vídeo.

FESTIVAL

VIDEOBRASIL

Il video indipendente in Brasile sta muovendo le acque, risveglia interesse e suscita entusiasmi. Resoconto del festival di San Paolo con uno sguardo alle reti TV

In ottobre, quando sugli schermi televisivi brasiliani è andata in onda la prima puntata della novella *Tieta*, tratta da un noto romanzo di Jorge Amado, Zbigniew Rybczynski, il videoartista polacco che lavora ormai da anni negli USA, ha accusato pubblicamente Rede Globo di aver copiato, per la sigla iniziale, la sua recente opera *The Fourth Dimension*. Ma, hanno subito replicato i commentatori culturali su riviste e quotidiani, che senso ha parlare di copie e plagii in un universo video così denso di "naturali" contaminazioni, imitazioni, saccheggii? Del resto è ancora la Rede Globo a utilizzare, per il suo seguitissimo TG serale (che cattura l'80% dell'audience) le silhouettes in movimento di un altro protagonista della videoparte, Ed Emshwiller. E le sigle di questa potente rete, che ha fatto fortuna con le telenovelas e con una sapiente mescolanza di informazione e varietà (nonché con la sua costante acquiescenza al potere costituito) sono, com'è noto, fra le più gradevoli e le più raffinate del mondo, grazie al rinnovamento operato dal grafico austriaco Hans Donner. Ma se computer graphics e innovazioni linguistiche sono ampiamente usate per sigle e spot pubblicitari - che nella Globo interrompono tutto, anche il telegiornale - restano quasi del tutto escluse dalla logica della programmazione, tuttora impermeabile alla video-creazione internazionale e ad una produzione nazionale che pure esiste e cresce. Molte le società di indipendenti, raggruppate soprattutto fra Rio e San Paolo, e ricche di ti-



■ "Crianças autistas" di Lucila Meiralles, video in U-Matic di 11' premiato a San Paolo. Sotto. "E o Zé Reinaldo, continua nadando?", di Eduardo Xocante.



tolli, documentari in primo luogo, il catalogo che raccoglie varie distribuzioni. E, in questo settore, stanno moltiplicandosi le esperienze di appoggio alle comunità e ai gruppi etnici che cominciano a documentare la propria realtà

con le telecamere. "O boom do zoom", titola un quotidiano di San Paolo, in un inserto dedicato tutto all'esplosione del video amatoriale in vista dell'uscita sul mercato, in novembre, dell'Handycam Video-8 della Sony: consigli per

l'uso, inchieste sui giovani videopautori, articoli teorici con citazioni da Benjamin e Baudrillard. E già da qualche anno il video è di fatto materia di insegnamento universitario, a metà strada fra arti plastiche e teoria della comunicazione e con un'impostazione decisamente pragmatica; per non parlare dei molti seminari, corsi, mostre organizzati dai più importanti musei, e di alcuni recenti libri dedicati alle nuove immagini.

Scarsi invece i segnali dal mondo televisivo, e non facili da rintracciare nella complessa geografia televisiva di uno dei paesi più grandi del pianeta, che conta quattro reti a diffusione nazionale e circa ottanta emittenti regionali o locali (oltre alle recenti pay-TV).

La nuova TV

Rassegnate all'impossibilità di battere la Globo sul terreno della novella e del varietà, le reti più sensibili al nuovo si sono specializzate in cultura musicale e film d'autore (TV Cultura, emittente pubblica, Stato di San Paolo: una sorta di rete 3 italiana nei suoi momenti migliori), in lunghi e animati dibattiti (TV Gazeta), in documentari (TV Manchete, che sta ora aprendo anche un dipartimento dedicato a esplorare la produzione indipendente). La TV Bandeirantes ha appena varato, invece, alcuni programmi realizzati da giovani videoautori, come "TV da Tribù" (TV della Tribù), agile osservatorio sulle novità visive e musicali che va in onda al sabato, dopo la mezzanotte. Il tardo pomeriggio di domenica è riservato a "Sinal do video", della TV Cultura: un

collage elettronico di attualità, reportages e musica e una piccola sezione dedicata alle novità (non cinematografiche) dell'home video. Si tratta, comunque, di briciole in un panorama nazionale ampio e vario in cui autori ed etichette indipendenti devono affidarsi, per farsi conoscere, agli appuntamenti del festival. Fra questi, i più importanti sono quelli di Rio e di San Paolo: prevalentemente cinematografico e rivolto al mercato internazionale il primo, più culturale e finora nazionale il secondo, che sta però mutando aspetto. "Fotoptica Videobrasil", questo il nome dell'annuale incontro paulista, ha infatti aperto la sua VII edizione (svoltasi in ottobre al Museo dell'immagine e del suono) al contributo internazionale, con retrospettive inglesi e francesi e un meeting che ha visto a confronto la produzione nazionale e alcuni rappresentanti di emittenti TV e di festival video europei. «Ci aspettavamo uno scambio di idee, ma mai avremmo previsto che il festival consentisse un successo in termini di mercato: autori invitati in Europa, acquisto di alcuni programmi e videoinstallazioni, l'attenzione concreta da parte di alcune TV europee», commenta la giovane direttrice del festival, Solange de Oliveira. È anche per approfondire l'impegno internazionale che "Vi-



■ U-Matic (3'27") basata su un tema musicale: "A família", di Catunda e Mistrorigo. Sotto. Un altro momento da "O Zé Reinaldo", video in U-Matic di 13'30".



deobrasil" diverrà biennale, consentendo così anche maggior respiro agli autori brasiliani, meno pressati dall'urgenza delle date.

Proposte e premi

Il festival ha offerto un panorama della produzione più recente: videoinstallazioni di Eder Santos, Marcelo Masagão e Sandra Kogut e una quarantina di lavori suddivisi in generi e in formati (U-Matic e VHS). Più bilanciati verso la parodia i video premiati nella sezione *fiction*, vagamente ispirati a modelli europei e statunitensi i lavori di video-art, salvo rare eccezioni; innovativi nel linguaggio (ma non sempre) i documentari, fra cui il premiato *Crianças autistas*, di Lucila Meirelles. Scarso, quasi inesistente, il ricorso a effetti elettronici e a computer graphics, accessibili solo ai budget commerciali. Il festival di Montbéliard ha scelto, per il concorso della prossima edizione (giugno 1990) dedicata a "Morte, amore e guerra", *Expiação* di Renato Barbieri, un breve video la cui immagini, graffianti e graffiate, gridano la violenza che si cela nella "democrazia" brasiliana. Raro esempio di "videoarte politica" in un panorama vivace e operoso che la sordità delle emittenti nazionali rischia di ridurre al silenzio.

Sandra Lischi

TUTTE LE OPERE VIDEO PREMIATE ALL'ULTIMA EDIZIONE DEL FEST- RIO

Lo scorso dicembre la città di Fortaleza, capitale dello Stato brasiliano del Ceará, ha ospitato la VI edizione di "FestRio", un festival internazionale che, accanto alle sezioni cinematografica e televisiva, dedica un ampio spazio a quella video. Quest'ultima, diretta da Hamilton Costa Pinto, prevede una competizione ufficiale, oltre all'organizzazione di rassegne e mostre che raccolgono interessanti produzioni video, musicali, documentaristiche e sperimentali.

Questa VI edizione di "FestRio" ha visto assegnare il "Tucano d'Oro", primo premio per il miglior video, a *Reflexion sur la puissance motrice de l'amour*, una impegnativa produzione francese (Canal Plus, La Sept, Centre George Pompidou tra gli altri), diretta dall'astro nascente del video d'oltralpe Pierre Trividic. L'opera mostra un'astratta ipotesi, ironica e filosofica al tempo stesso, di correlazione tra la meccanica, come energia e forza motrice, e l'amore come azione e forza del proliferare, interpretando così la rappresentazione evangelica della fecondità. Le immagini, belle ma anche altamente formalizzate, si susseguono in un preciso equilibrio che aderisce completamente ad un uso controllato e consapevole della computer grafica, raggiungendo una compiuta espressione estetica della narrazione. Ancora ad una produzione francese è stato assegnato il "Tucano d'Argento", per il miglior video musicale, *Upon The*

Heath di C. Joutet e R. Castelli, dodici minuti di danza in ambientazioni sottomarine e sotterranee sulla musica degli Art Zoy, opera tratta da un più articolato progetto multimediale. Come miglior documentario è stato invece premiato dalla giuria, composta tra gli altri da Robert Cahen (Francia), Kit Fitzgerald (Stati Uniti), Mario Martone (Italia), *Processing The Signal*, un'ampia ricognizione sulla video art americana, attraverso interessanti interviste a video-makers quali Garrin, Viola, Rybczynski, Fitzgerald. Il "Tucano d'Argento" per il miglior video sperimentale è stato attribuito a *Rito e Expressão* del brasiliano Eder Santos, una produzione decisamente non ricca ma fortemente ispirata, che ha fatto a lungo discutere la giuria per l'assegnazione del primo premio. Servendosi di frammenti della ritualità afro-brasiliana e di dettagli dei materiali che la segnano (oro, terra, pietra), l'autore restituisce in immagini la mistica storia della Chiesa del Rosario di Ouro Preto di Salvador di Bahia. Se la competizione ufficiale ha accolto un solo video italiano, *Fantasma di luce* di F. Moretti, un'ampia rassegna, curata dall'italiana Softvideo, è stata dedicata alle più significative opere del panorama produttivo italiano. Da segnalare, infine, una bellissima sezione di video-jazz interamente dedicata a New Orleans e ai suoi festival musicali.

Paola Mezzanotte